

REVISTA MARACANAN

Notas de Pesquisa

Imigrantes Transamazônicos: percepções do regime governamental civil-militar no contexto político de 1970. "Memórias de três imigrantes sobre a Amazônia brasileira"

Transamazonian Immigrants: perceptions of the civil-military governmental regime in the political context of 1970. "Memories of three immigrants about the Brazilian Amazon"

Pedro Sérgio Santos da Costa*

Universidade Federal do Pará
Altamira, Pará, Brasil

Francisco Pereira Smith Junior**

Universidade Federal do Pará
Belém, Pará, Brasil

Paulo Santiago de Sousa***

Universidade Federal do Pará
Bragança, Pará, Brasil

Recebido em: 22 jul. 2021.

Aprovado em: 24 jan. 2022.



* Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Linguagens e Saberes da Amazônia e graduado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará. E-mail: pedrosergio@ufpa.br

 <https://orcid.org/0000-0002-4708-9271>

 <http://lattes.cnpq.br/8256651191444666>

** Professor Associado da Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica. Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Mestre em Estudos Linguísticos e Literários e graduado em Letras (Língua Portuguesa e Inglês) pela Universidade Federal do Pará. E-mail: fsmith@ufpa.br

 <https://orcid.org/0000-0002-6336-9249>

 <http://lattes.cnpq.br/4369023473293807>

*** Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia e graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará. E-mail: profpaulosantiago@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-4113-1085>

 <http://lattes.cnpq.br/1577428069017007>

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão acerca das concepções concernentes ao modo de viver e entender a ditadura civil-militar na década de 70, particularmente na visão de três Migrantes pioneiros, moradores de uma das primeiras agrovilas inaugurada na Rodovia Transamazônica e tendo como período histórico o contexto de construção da estrada no período do regime civil-militar. A metodologia aplicada à proposta e hipótese suscitadas resultou na percepção de que existe, deste/neste *corpus*, um conjunto peculiar de discursos "positivos" que destoam claramente do que se observa em percepções socio-históricas e até mesmo na "memória oficial" ou nacional que se tem sobre o período mencionado. Concluiu-se que, entre outros fatores, não somente as muitas e profundas dificuldades de um passado longínquo, mas ainda a ausência de um grupo de pertencimento em conjunto com o estranhamento do seu tempo presente e a posse de terra provocaram, nos atores sociais delimitados, uma visão eufêmico-ensimesmada de tudo o que depois desse tempo com eles se passou.

Palavras-chave: Migrações. Transamazônia. Ditadura Civil-Militar. Terra.

Abstract

This article proposes a reflection on the conceptions concerning the way of living and understanding the civil-military dictatorship in the 70s, particularly in the view of three pioneer migrants, residents of one of the first village inaugurated on the Transamazon Highway and having as a period historical context of the construction of the road in the period of the Civil-Military dictatorship regime. The methodology applied to the proposal and hypothesis resulted in the perception that there is, in this corpus, a peculiar set of "positive" discourses that clearly clash with what is observed in socio-historical perceptions and even in the National or "official memory" or that you have left over the mentioned period. It was concluded that, among other factors, not only the many and deep difficulties of a distant past, but also the absence of a group of belonging together with the estrangement of its present time and the possession of land provoked, in the delimited social actors, an euphemistic-self-absorbed view of everything that has passed since that time with them.

Keywords: Migrations. Transamazon. Civil-Military Dictatorship. Land.

Introdução

Em uma aula inaugural intitulada "A Ordem do Discurso", pronunciada no Collège de France, Michel Foucault (2009, p. 9) declara:

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade [...] sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Houve um período da história brasileira que ficou marcado na memória popular, na literatura, na música, nas artes e em outras formas de manifestação coletiva do país. Sempre que se ouvir falar desse tempo, pensa-se no termo "histórico-síntese",¹ que lhe é indissociavelmente atribuído, a Ditadura Civil-Militar Brasileira, principalmente. Esta expressão traz uma carga significativa tão indelével que não é estranho se ouvir quase que uníssono em rodas de conversa nas ruas, em salas de aula, nos debates acadêmicos e nos meios de comunicação, entre outras formas e modos, acerca dos abusos, violência, perseguições e censuras daqueles momentos. Acerca disso, estranho mesmo, para muitos, é ouvir expressões do tipo "não houve tempo melhor", "eles davam tudo, tudo...", "foi um tempo de largura, de oportunidades" entre outras. Não raramente, os que defendem este segundo posicionamento são execrados pelos que livremente anunciam o primeiro. Assim, as palavras de Foucault (2009, p. 9) parecem sempre estar presentes ecoando como decodificadoras desses diferentes discursos, ou seja, realmente "não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa".

É nesse sentido, talvez na contramão da história e do discurso dominante, que três homens e suas famílias que viveram três momentos históricos tangencialmente citados e a citar, ou seja - antes, durante e depois da "ditadura militar" brasileira, são os personagens principais do presente trabalho, uma vez que aqui se pretende dar voz às suas narrativas nem sempre condizentes com o senso comum e, por isso mesmo, muitas vezes excluída e silenciada. Façamos, então, um lacônico passeio ao passado contextual destas personagens, mais precisamente, olhemos para alguns detalhes de um grande movimento migratório que estava ocorrendo em direção ao norte do país naqueles "dias".

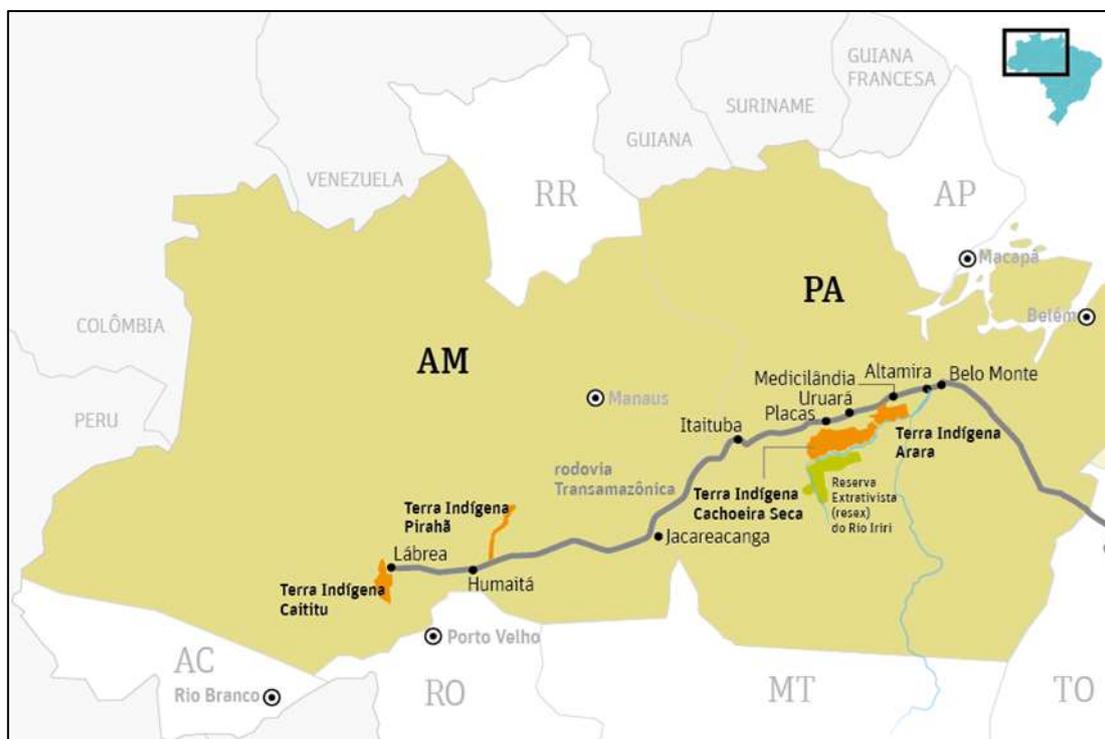
Em 1970, em pleno regime de governo de generais, nascia uma das maiores estradas do mundo, a Rodovia Transamazônica (BR-230).² À medida que máquinas abriam o coração da

¹ Entenda-se, uma expressão que sintetiza o significado de um período histórico.

² A Transamazônica, ou Rodovia Transamazônica (BR-230), foi construída no decorrer do governo de Emílio Garrastazu Médici, entre os anos de 1969 e 1974. Uma obra de grande proporção que ficou conhecida como uma "obra faraônica".

selva Amazônica uma multidão de migrantes de diversos lugares do país chegava para habitar as terras às suas margens, principalmente.³

Figura 1 – BR-230, Rodovia Transamazônica.



Fonte: *Fundo Dema*. (Site). Disponível em: <http://www.fundodema.org.br>. Acesso em: fev. 2022.

Em sinergia aos seus próprios objetivos atuava uma propaganda governamental cuja força das declarações e amplitude das promessas faz lembrar as campanhas realizadas pelo Governo Paraense no início do século XX, cujo alvo, naquele tempo, era atrair imigrantes Europeus.⁴ Segundo Smith Junior (2011, p. 50), a dificuldade em encontrar mão-de-obra no Brasil estava próxima de ser solucionada em parte pelo governo, que passou a incentivar imigrantes estrangeiros a vir trabalhar em terras brasileiras, para isso, davam até o direito sobre a terra. Assim, desejavam garantir que muitos imigrantes permanecessem e se fixassem nos núcleos coloniais e nas cidades brasileiras. Muitos europeus contribuíram para o desenvolvimento de regiões da Amazônia, dentre estes estiveram portugueses, italianos e em particular uma parcela significativa de espanhóis. Para isso se realizou uma propaganda estratégica que teve ao longo do início do século XX apresentou grande efeito de atração.

³ Chegava também incentivada pelo discurso e ações do PIN (Plano de Integração Nacional) e especialmente, o Polamazônia.

⁴ No início do século XX pode-se perceber que os estrangeiros passam a se espalhar por todo o Brasil, inclusive para regiões ainda pouco procuradas. Dentro desse contexto, o processo das migrações aconteceu com maior intensidade na Amazônia brasileira.

É quase com o sentimento da Revolução Francesa, liberdade, igualdade e fraternidade, que Francisco Cepeda mostra aos espanhóis um lugar de direitos, em que o ser humano é valorizado pelo seu trabalho e sua recompensa seria sempre a riqueza, a prosperidade, não só para o indivíduo que migrasse, mas para toda sua família. Com esse coração pulsante, escrito em palavras firmes é que o contratante Cepeda tenta convencer seu público de que a única certeza que poderiam ter em suas vidas seria "migrar para a Amazônia". (SMITH JUNIOR, 2011, p. 75).

A realidade das migrações no Brasil é algo repetitivo na História do Brasil e neste cenário, muitas narrativas foram relatadas, descritas em jornais da época. Por várias vezes, os imigrantes fizeram parte dos planos do governo brasileiro, que soube utilizar essa mão de obra para solucionar problemas internos do país. No caso das migrações nordestinas que ocorreram no país, muitas foram às experiências relatadas por migrantes cearenses no estado do Pará. Na época, estes revelaram narrativas que assustavam os leitores dos jornais daquele tempo.⁵ Como pode ser observado na história de José de Aracaty e sua família.

"Uma família desgraçada". Este era o título da notícia que, estampada na primeira página do jornal paraense Folha do Norte, em 15 de agosto de 1900, certamente chocava muitos dos que liam esse periódico na manhã daquela quarta-feira. Na ocasião, tornava-se conhecida dos leitores a trajetória de "uma pobre família cearense" no estado do Pará. Provavelmente, esse insólito episódio teria sido narrado ao redator do jornal por um dos protagonistas da história. (LACERDA, 2006, p. 17).

Segundo Lacerda (*Idem*), as histórias de José de Aracaty e sua família relataram uma triste história de perdas. Chegados ao Pará moraram na região das ilhas e logo depois em Belém a tristeza de ter sido roubado e o fracasso na agricultura na zona bragantina. Enfim, as histórias de imigrantes na Amazônia são repletas de experiências diversas, na maioria das vezes consideradas negativas, dados aos fatos que se sucederam na vida dos sujeitos imigrantes, conforme relato supracitado. Mas nem todos imigrantes tinham esse "olhar" para o fenômeno migratório na Amazônia. Muitos imigrantes consideraram-se vitoriosos e de sucesso, mesmo quando a realidade amazônica não se mostrava propícias. As propagandas de imigração sempre serviram de instrumento de convencimento do governo. Atrair.

Da mesma forma que os presidentes de província utilizaram estratégias de atração para a vinda milhares de europeus para o estado do Pará no início do século XX, o governo militar no ano de 1970, soube convencer seus ouvintes, em especial nordestinos e sulistas, a migrarem para um lugar de "oportunidades", "riquezas" e, sobretudo a posse de um bom "pedaço de chão". Assim como no passado, estes poderiam plantar, colher, consumir, vender, criar suas famílias ou, numa só palavra, poderiam prosperar, era um novo "Eldorado", um paraíso na terra. Não demorou para que tais promessas impulsionassem milhares de famílias nordestinas e também, num segundo momento, famílias sulistas a se deslocarem para as terras circundantes da grande rodovia. Consigo traziam as saudades de quem ficou e a esperança de uma vida nova e melhor, afinal isto é ser migrante, é aquele que foge e busca,

⁵ Suplemento Literário do *Jornal Folha do Norte* que tratava de diversos temas, entre eles Arte, Política, Cultura e temas variados. O jornal tornou-se uma leitura diária da população paraense entre os anos de 40 e 50 do século XX.

ambiciona, extravia-se pelos caminhos, se frustra, vai e retorna e assim prossegue como que impulsionado por uma "força desconhecida" (IANNI, 2004, p. 93).

Dentre esta gente, um grupo, de aproximadamente 250 pessoas foi designado para colonizar um lugar que distava a 18 km a leste da cidade de Altamira,⁶ cujo nome (ainda que adaptado) carregava e ainda carrega "o peso" de um famoso personagem da história humana: Agrovila Leonardo D'Vinci (ALDV). Lugar diferente e inóspito, gente desconhecida, diferenciações linguísticas e muitos desafios. Diante dessa nova realidade, os dias se passaram e muitos não suportaram e acabaram partindo e reemigrando para outras regiões do estado do Pará e do Brasil, outros lutaram, mas poucos se adaptaram e se estabeleceram na região.

Nesse sentido, é bem verdade o que diz Sayad (1998, p. 55) ao afirmar que o trabalho é o fator primordial que determina o nascimento e morte do imigrante que decreta e condiciona toda sua existência e que é o próprio motivo justificador de sua necessidade. Entretanto, não é este exatamente o caso do "desaparecimento" dessas famílias. Posto que de fato a grande maioria foi embora, e talvez aqui se pense que havia algum problema relacionado ao trabalho, definitivamente esta não era a principal questão. Trabalho havia de sobra, o problema mesmo era que no mesmo volume de trabalho estavam as dificuldades de uma região inóspita aliadas à falta de apoio governamental. Na medida inversamente proporcional em que sobejavam a malária, animais peçonhentos e mosquitos hematófagos também faltavam transporte, estradas trafegáveis, financiamento rural, treinamento agrícola, policiamento e atendimento médico.

Como já fora dito até aqui, poucos ficaram e muitos partiram; nada demais se tal cenário for comparado a outros casos semelhantes. O que aqui se diferencia é justamente a postura a que legitima o poder econômico da classe dominante esses poucos que ficaram diante das ações e do próprio governo da época. Não fosse a singularidade dos detentores desses discursos (destoantes do senso comum, como veremos mais adiante) não faria sentido prosseguir com este trabalho, uma vez que não é incomum encontrar as mais variadas opiniões acerca de determinado assunto. Singularidade marcada, sobretudo, por dois fatos: o pioneirismo desses interlocutores naquela comunidade e escassas pesquisas de âmbito acadêmico acerca do tema proposto fazendo, assim, com que estes pioneiros e suas memórias se tornem fontes fundamentais na reconstrução, ainda que talvez eivada de subjetividades, de uma "história" diferente daquele tempo.

Neste ponto, cabe agora dizer que o tema aqui proposto se fundamenta no seguinte questionamento: por que, diante de muitas adversidades causadas, em grande parte, por impactos resultantes de um grande projeto governamental desenvolvimentista ditatorial na região, estes moradores ao olharem para tal governo e seus atos o avaliam tão distintamente

⁶ Altamira teve origem nas missões dos Jesuítas, na primeira metade do séc. XVIII, quando ainda integrava o gigantesco município de Souzel. Através da excursão do Jesuíta Roque de Hunderfund se deu o primeiro registro histórico de colonização praticada nesse território, onde foi fundada, às margens do Igarapé dos Panelas, uma missão catequética destinada aos índios que habitavam toda a região. Cf.: História. *Altamira Prefeitura*. (Site). Disponível em: <http://altamira.pa.gov.br/site/historia>. Acesso em: 11 abr. 2021.

do que se conhece comumente a ponto de o intitularem como "justo", "necessário" e "bom"? Como o principal material utilizado nesta pesquisa são as memórias dos imigrantes, cabe, antes de iniciarmos uma busca pela(s) resposta(s) a esta questão, trazer uma observação importante de Portelli (1996, p. 8) acerca das múltiplas possibilidades e, talvez, volatilidade da memória quanto a narrativas orais: "A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias".

É nesse sentido que esta pesquisa, estando embasada, em boa parte, por diálogos com moradores que retomam suas memórias de vida, há mais de quarenta e cinco anos, certo mesmo é que não será apresentado um perfeito sistema de experiências compartilhadas, comuns, mas uma intrincada rede de possibilidades, das quais extrairemos nossas proposições. Por outro lado, por mais que as memórias ofereçam tal dificuldade, preferimos adotar a postura vista em Barth (2000) que recomenda não esconder ou ocultar dos resultados e discussões de pesquisa daquilo que foi contrário às hipóteses suscitadas. Tal pensamento é ainda condizente com o posicionamento de Pollak (1989, p. 4) acerca da memória coletiva nacional preconizada por Maurice Halbwachs. Para Pollak, esta possui um "caráter destruidor, uniformizador e opressor", noutros termos, se alguém vislumbra positivamente os chamados, e por que não dizer estigmatizados, "anos de chumbo", por que não lhes dar, ainda que muito brevemente, vez e voz? Eis aí o que pretendemos, observar o ponto de vista de nossos entrevistados diante do que lhes representou a Ditadura Civil-Militar Brasileira.

Eles davam tudo, tudo, tudo...

Não obstante todos os fatores que poderiam ser considerados impeditivos para a abertura da lendária rodovia, tais como falta de prévio planejamento governamental, pesquisas quanto às características dos diferentes solos, dos diferentes ecossistemas e principalmente pesquisa sobre a opinião dos moradores da região, não somente foi iniciado o grandioso empreendimento, mas juntamente com ele e como parte fundamental também se passou à realização da colonização das terras no entorno da rodovia, cujos objetivos exarados em documentos oficiais são resumidos e sistematizados por Contini (1976, p. 115) da seguinte maneira:

Deslocamento da fronteira econômica e principalmente agrícola para o interior da Amazônia Legal; integração do Nordeste com a Amazônia através da absorção do excedente de mão de obra daquele para esta; segurança nacional e finalmente, decisão política de caráter promocional para o governo por meio desta obra de impacto.

Neste contexto surge a comunidade D'Vinci, localizada a 63 km da sede do município (Vitória do Xingu) e a 18 km de Altamira, seguindo o modelo de assentamento planejado. Vale ressaltar que entre os três grandes projetos colonizadores para a região encontrava-se o

Altamira I, que se propunha a ocupar uma área aproximada de 250.000 ha, cobrindo uma faixa de 20 a 24 km de largura ao longo de 150 quilômetros da Rodovia Transamazônica, no trecho Altamira-Itaituba, a partir do seu quilômetro 20. O número de famílias a serem assentadas era de 3.000, em módulos de 1.000 famílias. Altamira I era a localização técnico-política desta agrovila, mais especificamente ela estava inserida em um módulo que por sua vez deveria abrigar uma agrópolis em torno da qual seriam instaladas 22 agrovilas (4 às margens da rodovia e 18 nas vicinais – interior do módulo). Lessio (2013) esclarece ainda que cada agrovila teria sua população inicial proporcionalmente estimada pelo número de crianças em idade escolar e que fossem suficientes para o funcionamento autônomo de uma. Como na época a taxa de crianças em idade escolar era entre 12% a 14% da população, resultava isto em agrovilas de 500 a 1500 habitantes, isto é, entre 100 e 300 famílias. Em sua gênese constava de um assentamento de aproximadamente 60 famílias com um total aproximado de 250 habitantes. É o que conta o Sr. Catarino, 77 anos de idade e o primeiro morador da agrovila:

a gente chegou aqui em dezembro de 1971, eu e a minha esposa [Dona Serena], e fomos levados pro João Pezinho. Depois de uns dias eu vim pra cá [para a Agrovila D'Vinci] e ela [a esposa] ficou lá. Eu fui atrás de serviço no INCRA, não conseguia ficar parado, e eles me colocaram na equipe que ia construir as casas do D'Vinci. Quando a gente chegou aqui não tinha nada, só juquirá [mato denso], aí nos esperamos uma semana pro trator chegar e limpar a área, daí a primeira coisa que a gente fez foi um barracão bem grande. No barracão tinha a COBAL [Companhia Brasileira de Alimentos] que ficava bem no meio, num canto ficava uma farmácia e no outro canto uma venda de ferramentas [...] depois a gente começou a construir as casas, três conjuntos de 18 casas, e ia chegando mais e mais gente, tinha vez que ficavam duas e até três famílias na mesma casa até que ficasse pronta as outras [sic].⁷

Seu testemunho é particularmente intrigante, pois além de ser o primeiro morador daquela localidade (março de 1971), em sua visão, o governo dava tudo:

eles davam tudo, tudo, tudo, a tal da ditadura que o povo lá do Congresso tem raiva, que o Castelo Branco pegou os *cabeça branca* e exilou, era um bicho a tal da ditadura, eles davam olha: davam panelas, davam rede, davam comida, davam o salário, dava, tudo, tudo, tudo, tudo, e o povo ia embora, ficou muito pouca gente, é o tal do passeante sabe? [sic].⁸

⁷ Entrevista não publicada, concedida aos autores em 28 de dezembro de 2017.

Cabem dois esclarecimentos: 1) João Pézinho era uma espécie de arraial onde ficavam alojadas as famílias até o recebimento do lote pelo INCRA. Atualmente é uma agrovila localizada a 23 km. de Altamira, fundada pelo "piauiense João Batista da Silva, o João Pezinho - que era conhecido por esse nome devido a uma deficiência na perna. Ele chegou a Altamira em 1953, adquiriu terra e recursos suficientes para incentivar seus conterrâneos a migrarem para a região, garantindo-lhes que a terra era boa e farta. Assim, conseguiu arrebanhar em torno de três mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos se situaram na área da estrada que João Pezinho iniciara" (SILVA, 2008, p. 53); 2) A COBAL foi constituída pela Lei Delegada n.º 6, de 26 de setembro de 1962, em tempos do Presidente João Goulart, e tinha como objetivos: "Comprar, transportar, vender importar e exportar gêneros alimentícios, e bens necessários às atividades agropecuárias, inclusive pesca, e às industriais de alimentos; Importar o que for necessário ao atendimento dos programas de assistência alimentar dos órgãos federais, funcionando como depositária dos gêneros de primeira necessidade recebidos, por doação, de procedência nacional ou internacional." Conforme Art. 3º, incisos primeiro e segundo.

⁸ *Idem*. Grifo nosso. O termo "cabeça branca" é o um apelido, dado por Seu Catarino, aos padres, cuja calvície na parte de trás da cabeça deixava o coro cabeludo exposto, por ser mais clara.

Em 1980, aos quarenta e seis anos de idade, chegava à já estabelecida ALDV outro morador, o senhor Maranhão. Natural do Piauí ainda em tenra idade seguiu com seus pais para o estado do Maranhão, aos dezesseis anos, em busca de emprego, mudou-se para Araguatins/Goiás. Anos depois conheceu o trabalho em lavouras do Pará, e neste mesmo estado se lançou ao garimpo de Serra Pelada, onde também conheceu a malária. Após retornar a Araguatins adquiriu um pedaço de chão, construiu uma casa e até um boteco. Com planos de dirigir-se novamente aos garimpos paraenses se deteve por alguns meses em Altamira quando, desistindo da busca pelo ouro, finalmente fixou morada na agrovila, após ter assistido e trabalhado em fronteiriças roças de cacau (*theobroma cacao*). Ele expõe que quando chegou à agrovila o governo, por meio do INCRA, estava dando lotes de terra para quem tivesse família e quisesse se estabelecer como agricultor familiar na região. No entanto, só tomou posse de um lote urbano com a chegada de sua esposa e filhos, o que aconteceu poucos meses depois.⁹

Estabelecidos em sua nova morada, o senhor Maranhão, sua esposa e os seis filhos do casal, passaram a viver do labor cotidiano em terras da redondeza. Este modo de vida, caracterizado pelo trabalho mediante forte esforço físico, contudo, não lhe parece estranho, e conta um pouco mais de sua trajetória:

Minha vida foi trabalhar de roça desde criança com meu pai e meus irmãos, mas quando eu cheguei aqui [na agrovila] mudou, porque eu não tinha terra e aqui eu consegui uma terra [...] tinha dificuldades mas eu gostava por que tinha energia [elétrica], tinha água, mas pra ir pra Altamira era difícil, a gente tinha que ir pra beira da estrada e quando voltava de tardinha o ônibus parava na beira (na estrada) e a gente tinha que trazer aos poucos as coisas pra casa por que era muito pesado [...] era difícil sim umas coisa, mas prefiro aquele tempo pra esse, naquele tempo num tinha corrupto, se tinha era pouco, e o governo fez tudo o que podia pra miorar, hoje é só robo, liga a tv e só é robô [sic].¹⁰

Cabe ainda um último depoimento, no mínimo intrigante do migrante Sr. José Manso, 68 anos, nesses termos ele fala do principal motivo que, para ele, fez quase todos irem embora: "Aquilo era um demônio, tinha vez que a gente ficava tapado dos pé a cabeça pra sossegar um pouco, meus fio sofreram muito".¹¹

Eis aí em poucas linhas, um recorte da trajetória de dois pioneiros da comunidade D'Vinci no que concerne à sua chegada à agrovila na época das migrações planejadas para a região e, mais especificamente as que ocorreram em torno da BR-230. Como é possível perceber os mesmos admitem que seu ingresso e permanência na região foi recheada de desafios e enfrentamentos, no entanto, percebe-se também que sua concepção acerca de tais acontecimentos não ofusca o valor que para eles possuiu a política implementada naquele tempo, particularmente sobre isso o senhor Maranhão quando perguntado acerca da "ditadura" declara o seguinte:

⁹ Entrevista não publicada, concedida aos autores em 20 de dezembro de 2017.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ Entrevista não publicada, concedida aos autores em 3 de janeiro de 2018.

Eu não sei o que é isso não, eu sei é que pra essas bandas eles num vieram não, o povo fala muito que eles prendia atoa mas aqui nunca vi isso, quando eu andei no Goiás eu vi eles nas rua, mas gente de bem não tinha medo, só gente que andava errado é que tinha medo, nos outro governo a gente nunca tinha recebido terra e ajuda na vida. Eu gostava daquele tempo, pois a gente podia sair na rua tranquilo, malandro não ficava na rua não, na Altamira se tivesse na rua depois das dez tinha que tá com documento se não era levado pra delegacia. Aqui na agrovila nunca teve muita vadiage, mas agora tá feio a coisa [sic].¹²

As palavras do entrevistado dão a entender que a força física imposta pela ditadura militar parecia ser a forma mais adequada de controle do lugar, afirma que "gostava daquele tempo", afirma que o método de controle, a cobrança de documentos da população nas vias da cidade representavam a ordem, o controle da cidade de Altamira, talvez essa ideia de segurança, fosse à única "vantagem" em morar na região. Outra questão levantada pelo entrevistado e que chamou atenção em sua fala diz respeito à oportunidade de ter a terra para trabalhar. Essa fala apenas sustenta o que Sayad (1998, p. 55) afirma a respeito do imigrante ao dizer que o trabalho "decreta e condiciona toda sua existência"; ou seja, o que determina o senhor Maranhão ser um imigrante é por vezes aceitar as adversidades encontradas pela vida e se adaptar às adversidades apresentadas na região de Altamira.

O trabalho para o entrevistado é como se fosse um prêmio, uma recompensa, ao dizer que "nos outro governo a gente nunca tinha recebido terra e ajuda na vida. Eu gostava daquele tempo", o entrevistado ao "nunca", reforça a ideia de visibilidade dada pelo governo militar a essas pessoas que pareciam não existirem antes. O sentimento revelado pelos imigrantes ao associar "terra à vida" e o direito à terra em estar vivo governo militar.

Considerações finais

Ao que parece, para os pioneiros Catarino, Maranhão e José Manso a construção da Rodovia Transamazônica representou um marco em suas vidas, um momento de mudanças, tais que a partir de então tudo passou a ser avaliado em termos de "antes e depois" de suas mudanças para a região. Não escondem que houve sim mudanças, mas, as tais, foram para melhor, conquanto antes da rodovia andavam errantes, sem destino certo, "sem oportunidades". Em suas avaliações, naquele tempo de regime militar, a agrovila D'Vinci não sofreu impactos, pelo contrário, uma vez que ainda nem existia ela foi fruto de um "projeto do bem". Diante do exposto, torna-se evidente nas falas dos entrevistados, o desconhecimento por parte do que representou a ditadura no Brasil, seus depoimentos parecem invisibilizar os traumas adquiridos por boa parte da população brasileira que foi perseguida, torturada e morta. Talvez esse posicionamento representasse a comodidade em pensar a ditadura a partir de suas necessidades imediatas, daí ignorar seus feitos e atrocidades seja uma lembrança eliminada.

¹² *Idem.*

Desse modo, ao olharem para o governo intervencionista daqueles anos o associa ao principal fator de "bons momentos de suas vidas antes difíceis". É possível então dizer que quando analisam aquele contexto político e o interpretam como "justo", "necessário" e "bom" o fazem considerando quase exclusivamente suas próprias trajetórias de vida. Sua visão global é, por assim dizer, uma visão de mundo adstrita à pessoal (ou ignorada), como talvez, não poderia deixar de ser. Todavia não é sem razão que o fazem deste modo, para eles a posse da terra, um pedaço de chão que podiam realmente e finalmente chamar de "minha terra" fazia toda a diferença.

Este chão não era qualquer chão, mas sua terra, seu recanto, uma terra de muitas dificuldades, mas também de muitas oportunidades. Deste modo, quem lhes dera a terra, lhes dera, em suas concepções, uma nova vida, para eles, não importa se estes tais eram ditos ditadores, torturadores e coisa semelhante. Estes, em certo ponto, desconhecem e reconhecem que não há conhecimento de todo o contexto histórico da Ditadura Militar Brasileira, principalmente na região amazônica, mas se sustentam em um discurso de prosperidade sem perceber as consequências coletivas desse tempo.

Referências

- BARTH, Fredrik. Análise da cultura nas sociedades complexas. In *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- CONTINI, Elisio. *A Colonização na Transamazônica: um enfoque analítico do plano governamental, seus resultados e problemas*. 1976. Tese (Mestrado em Administração Pública) - Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2009.
- IANNI, Octávio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LESSIO, Thaís Lopes. *Leonardo da Vinci, Pará: um olhar sobre a ocupação territorial na rodovia Transamazônica*. 2013. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo - Revista Digital de História*, Niterói (RJ), n. 1, 1996.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SILVA, Maria Ivonete Coutinho. *Mulheres migrantes na Transamazônica: construção da ocupação e do fazer política*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira. *Imigração espanhola na Amazônia: as colônias agrícolas e o desenvolvimento socioeconômico do nordeste paraense (1890-1920)*. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Tropicó Umido) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira. "Inmigración y colonización": A propaganda da "Amazônia Brasileira" na Espanha. *Revista Estudos Amazônicos*, v. 6, n. 2, p. 50-75, 2011.